

## A ESCRITA COMO GESTO DE HOMENAGEM: EFEITOS DE SENTIDO EM MIM

---

ÁGUEDA APARECIDA DA CRUZ BORGES\*

### RESUMO

Este texto tem o objetivo de imprimir um gesto de afeto, de agradecimento e de homenagem que significam a inscrição de D. Pedro Casaldáliga em mim, assim é, também, um texto sobre mim e, por isso, embora eu busque alguns autores para contribuir nas reflexões, escrevo em primeira pessoa. A memória discursiva possui um laço estreito com a subjetivação e, de certa forma, contribui para explicar o porquê de eu escrever sobre essa relação que me constitui e me faz ser quem sou. Valho-me da liberdade de tipos e gêneros textuais permitida pela escrita e do conhecimento produzido, em especial, por pesquisadores da Análise de Discurso de linhagem francesa (PECHÊUX, 1997, 1999) ampliada no Brasil (ORLANDI, 1996, 2007), para a minha compreensão do acontecimento do Outro em mim.

**PALAVRAS-CHAVE:** D. Pedro Casaldáliga. Análise de Discurso. Acontecimento. Homenagem.

---

*Quien escribe teje. Texto proviene del latín 'textum', que significa tejido. Com hilos de palabras vamos diciendo, com hilos de tiempo vamos viviendo. Los textos son, como nosotros, tejidos que andan...*  
-Eduardo Galeano-

Poderia desenvolver este texto a partir de vários pontos e de muitos modos, no entanto, escolhi o ponto de partida pela *metáfora da rede*

---

\* Professora Associada da Universidade Federal do Mato Grosso/UFMT, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. Lidera os grupos de pesquisa Arte Discurso e Prática Pedagógica e A Construção de um Arquivo: Gênero em Discurso (UFMT/CUA-CNPq). Participa como pesquisadora no grupo Mulheres em Discurso (UNICAMP/CNPq).  
E-mail: [guidabcruz@hotmail.com](mailto:guidabcruz@hotmail.com) ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0535-0988>

proposta por Ferreira (2003, p. 19): “A rede, como um sistema, é um todo organizado, mas não fechado, porque tem os furos, e não estável, porque os sentidos podem passar e chegar por essas brechas a cada momento”. Assim, um discurso funcionaria como uma rede e é por aí que vou puxar fios da memória discursiva para dar conta da minha produção.

A memória discursiva possui um laço estreito com a subjetivação e, de certa forma, contribui para explicar o porquê do desejo de escrever, de desenhar em letras sentimentos que me constituem e me fazem ser quem sou. Este texto tem o objetivo de imprimir um gesto de afeto, de agradecimento e de homenagem que significam a inscrição de D. Pedro Casaldáliga<sup>1</sup> em mim, assim é, também, um texto sobre mim e, por isso, embora eu busque alguns autores para contribuir nas reflexões, escrevo em primeira pessoa.

Valho-me da liberdade de tipos e gêneros textuais permitida pela escrita e do conhecimento produzido, em especial, por pesquisadores da Análise de Discurso de linhagem francesa (PECHÊUX, 1999) ampliada no Brasil (ORLANDI, 1996, 2007), para a minha compreensão do acontecimento do Outro em mim. Por assim ser, digo que este é um “entretexo”, pois carrega uma narrativa histórica, costurada por reflexões teóricas, bordada por alguns poemas inspirados em imagens fotográficas que imprimem sentidos da morte corporal de Pedro, um corpo que tomo como discurso.

Este “entretexo” é inspirado na posição confortável de quem pratica uma teoria como a Análise de Discurso, que trabalha no entremeio, o que implica, segundo Orlandi (1996, p. 23), “[...] uma disciplina não positiva, ou seja, ela não acumula conhecimentos meramente, pois discute seus pressupostos continuamente”.

---

<sup>1</sup> Bispo emérito de São Félix do Araguaia (MT), nasceu na Catalunha em 1928 e se mudou para o Brasil aos 40 anos. Ele ficou conhecido por suas posições políticas e pelo trabalho pastoral ligado às causas dos empobrecidos, na defesa de direitos dos povos indígenas e no combate à violência dos conflitos agrários. Faleceu aos 92 anos, no dia 08 de agosto de 2020. O enunciado “Minhas causas valem mais do que a minha vida” o eterniza.

O pressuposto teórico referido nos leva a compreender que a história, discursivamente, não se define pela cronologia, nem por seus acidentes, nem é tampouco evolução, mas produção de sentidos. Sendo assim, o discurso funciona como efeito de sentidos entre locutores. Na teoria do discurso na perspectiva pecheuxtiana, a linguagem não é transparente e o discurso é tomado na opacidade. Pêcheux (1999) concebe o discurso como um lugar particular em que a relação da materialidade com a exterioridade explicita os mecanismos de determinação história dos processos de significação e estabelece como central a relação do simbólico com político.

É sempre relevante enfatizar o caráter revolucionário atribuído pela Análise de Discurso aos estudos da linguagem, afastando-se do aspecto categorizador conferido pelo estruturalismo.

Tratar o meu desejo de homenagear, discursivamente, é dar visibilidade para a produção da ilusão de objetividade e evidência de uma realidade, de um referente, como se um sentido já estivesse lá, como se os sentidos tivessem à vista, na superficialidade material, mas não, é preciso o gesto de interpretação para, ao menos, aproximar daquilo que motivou o desejo que se realiza em mim como manifestação de sentimentos.

É por isso mesmo que, também, abordo o corpo como discurso, pensando nos efeitos produzidos pelo modo como esse corpo apresenta-se na vida e morte a partir de sua relação com a memória discursiva, considerando-o tanto espessura material do/no discurso, sendo materialidade determinante por sua visibilidade, quanto corpo de/na memória discursiva que constitui seus gestos e, dessa maneira, se torna um corpo determinado, significado historicamente.

O corpo material de linguagem, social e simbólico produz sentidos e é significado em processos complexos que dizem respeito à identificação, subjetivação, à história, à espacialização. É corpo de memória.

É importante sublinhar que não estou dizendo da memória que lembra, ou da chamada memória social coletiva no sentido psicologista, pois, na perspectiva em que me filio, a memória discursiva se define nos sentidos entrecruzados da memória mística, da memória social inscrita em práticas da luta travada por D. Pedro e das relações que, no caso, eu estabeleço com ele.

A Memória Discursiva transpõe sentidos presentes pelas ausências, estando sempre em jogo, sempre ativa e com sentidos deslizantes e mutáveis guiados pelo esquecimento. Pêcheux (1999, p. 52) afirma que:

[...] a memória como estruturação de materialidade discursiva complexa, estendida em uma dialética de repetição e regularização seria aquilo que, face, a um texto surge como acontecimento a ler, vem a restabelecer os “implícitos” de que sua leitura necessita, a condição do legível em relação do legível.

A “[...] memória de que se trata, aqui, está no discurso que olha e diz o corpo e no gesto que o corpo realiza. A memória está no corpo e no olhar para ele, o que significa que ele é sempre corpo de memória” (HASHIGUTI, 2008, p. 102). Nesse sentido, o corpo afetado pela memória discursiva determina e é determinado historicamente tanto por aquele que olha quanto por aquele que é olhado. Um gesto de interpretação que se dá pelo corpo revestido ideologicamente. Pode parecer complexo, mas essa determinação se dá pela história no processo de identificação/subjetivação, neste caso a minha história no entremeio da história de D. Pedro Casaldáliga. E ele produz gestos. Hashiguti (2008, p. 9, grifo da autora), citando Orlandi e Pêcheux em sua tese de doutorado, diz que:

O deslocamento do sentido do corpo biológico, empiricamente apreensível, para o corpo discursivo se relaciona não só à compreensão dos diferentes conceitos e de seus efeitos nas várias ciências, mas também à diferenciação de termos relacionados. [...] as formulações do corpo são chamadas de *gestos corporais*. O gesto se torna bastante significativo na teoria discursiva quando Orlandi (1998) aponta que a interpretação é um gesto, retomando assim a noção de ato simbólico de que falava Pêcheux (idem). Um gesto corporal é de fato um gesto simbólico, de linguagem, compreendido não apenas como movimento biomecânico, como entendem muitos estudos sobre o corpo em outras ciências, mas como movimento biomecânico e histórico. Discursivamente, movimento é também um termo de importância, porque é por ele que se dá o funcionamento da linguagem: os sentidos

se movimentam na história. Assim, um gesto corporal, no sentido de gesto de linguagem, é também um *movimento na história*. Da mesma forma, a *função* do corpo empírico cede lugar ao seu *funcionamento* na linguagem, não como máquina de produção, mas como objeto de regularidades, sistematicidades e rupturas que se dão na história a partir da memória discursiva.

O imaginário discursivo que se imprimia sobre o Bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, para quem não o conhecia, era, geralmente, de um homem grande, de um corpo forte que, quando em presença, chegava a causar assombro, uma vez que o real contrariava esse imaginário. Pedro morava num corpo magro, esguio e aparentemente frágil. A sua fortaleza habitava outro espaço fora de alcance e de explicação.

Vou escrevendo e me perguntando, como podia habitar tantos seres naquele SER? O homem, o profeta, o político, o poeta?! E eles se misturavam de modo que um estava no outro, o outro estava no um e um era todos e todos eram um. A minha história conta que esses seres fizeram moradia em mim.

*Meu corpo Casaldáliga VALENTE, não por não sentir medo,  
mas por ter aprendido a CORAGEM do enfrentamento às  
adversidades. (BORGES, 2012)<sup>2</sup>*

No cotidiano da cidadezinha de São Félix do Araguaia, eu tive o prazer da vivência e o privilégio de ensinamentos de D. Pedro Casaldáliga construídos na simplicidade da casa onde morava, da roupa simples que vestia, das lambretas (como eram chamadas as chinelas de dedo) que sustentavam a sua caminhada...e, mais ainda, tive a benção da sua sabedoria que, muitas vezes, chegou em forma da oração conjunta, quando nos reuníamos na capelinha que compõe o quintal da casa. Ou, mesmo, na

---

<sup>2</sup> Do poema, *Meu corpo*, escrito em epígrafe na minha tese de doutorado Da aldeia para a cidade: processos de identificação/subjetivação do índio Xavante na cidade de Barra do Garças/MT, alteridade Irredutível, orientada pela prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mônica Zoppi-Fontana e defendida na Universidade Estadual de Campinas em 2013.

escuta das palavras amigas, durante as visitas, entre causos e risos sentados nas cadeiras de fio da varanda. Como aquele espaço significa! Aprendizados de vida regados pelo rio Araguaia os quais seguem como sementes que germinaram e vão brotando na minha história e, por consequência, na daquelas pessoas que me atravessam, na família, nas amizades, na educação.

Busco um pouco mais de teoria para fundamentar essa constituição subjetiva. O sujeito é sempre constituído por outros sujeitos, ele não é só o que diz de si mesmo, até mesmo porque a origem do que o sujeito diz não está em si, mas é fruto de dizeres vindos de outros lugares e outros sujeitos. Pêcheux (1999) diz que o sujeito ideológico não é sempre já-dado, pois durante o seu percurso ocorrem processos de identificação com determinado lugar social, ideológico e, assim, discursivo. Citando Althusser<sup>3</sup>, o autor escreve que um sujeito é aquele do qual pode-se dizer “é ele”, portanto, uma unidade a qual se identifica como tal. Assim, a ideologia na teoria da Análise de Discurso pecheuxtiana ganha importância, pois, através dela, a língua ganha sentido histórico, constituindo o sujeito e o sentido do discurso que acredita ser origem.

Nessa orientação, Ferreira (1996) escreve que: os processos discursivos vão se desenvolver pelo sujeito, mas não têm nele sua origem. Isto se deve ao descentramento da noção no âmbito discursivo, o que a faz distanciar-se do sujeito consciente, senhor de seus atos e com controle sobre a língua. O sujeito do discurso, em sua relação com a língua, estabelece um processo de constituição mútua, constituindo-se e constituindo-a no seio de acontecimentos histórico-sociais. De maneira que ele não é totalmente livre, dado o modo de sua constituição, nem totalmente determinado por mecanismos externos, por exemplo, eu posso dizer que conheci, convivi com um homem santo ou seria um santo homem? O fato é que D. Pedro em cada ação, em cada palavra proferida foi profundamente humano e, sob o meu parecer, a santidade está diretamente vinculada às ações de humanidade. Ele já não está entre nós, de corpo presente, mas o corpo segue significando em nós que dele tivemos a escuta, a posição, a opção e nos identificamos.

---

<sup>3</sup> ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos de Estado. Tradução Walter Jose Evangelista; Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

Pedro faleceu. Seu corpo frágil nos deixou no dia 8 de agosto de 2020, após longos anos convivendo com o “amigo Parkinson” como ele próprio dizia. O mais intrigante, é que embora não esteja em presença, no nosso meio, ele reverbera nas pessoas que com ele conviveram. Pedro está nas gentes que ele defendeu, no povo pobre, nos indígenas, nas mulheres subjugadas pelo patriarcado, nessas gentes sofridas que fizeram a sua história.

Foucault (1999) escreveu que o corpo, em sua importância social e na manutenção de sistemas políticos, é construído a partir do poder das instituições e do conhecimento científico exercido sobre os indivíduos. No espaço da Igreja filiada à Teologia da Libertação e em todo o conhecimento, a sua vida segue em movimento naqueles que lutam por direitos de toda sorte. As palavras de D. Pedro, no evangelho, na poesia, na política se misturavam, se tornavam mutirão nas atitudes, é por isso que elas vão continuar fazendo, porque foram materializadas na valentia e no amor. Ele está eternizado na profecia das próprias palavras, na materialidade da sua poesia de fé e esperança:

### **Profecia extrema**

Eu morrerei de pé como as árvores.  
Me matarão de pé.  
O sol, como testemunha maior, porá seu lacre  
sobre meu corpo duplamente unguido.  
E os rios e o mar  
serão caminho  
de todos meus desejos,  
enquanto a selva amada sacudirá, de júbilo, suas cúpulas.  
Eu direi a minhas palavras:  
– Não mentia ao gritar-vos.  
Deus dirá a meus amigos:  
– Certifico  
que viveu com vocês esperando este dia.  
De golpe, com a morte,  
minha vida se fará verdade.  
Por fim terei amado!  
Oração: meu corpo como comida

Enterrem-me no rio,  
Perto de uma garça branca.  
O resto já será meu.  
E aquela correnteza franca  
Que eu, passando, pedia,  
Será pátria recuperada.  
O êxito do fracasso.  
A graça da chegada.  
A sombra-em-cruz da vida  
Sob este sol de verdade  
Tem a exata medida  
Da paz de um homem morto...  
E o tempo é eternidade  
E toda a rota é porto!

Palavras que circulam nos discursos sobre ele, nas representações imagéticas, no encanto dos detalhes inscritos na significação de cada gesto de homenagem, pelo mundo.

Ao falar em imagens considero-as como práticas discursivas, de forma a restituir-lhes os processos específicos de significância, tendo em vista que elas possuem materialidade e têm o peso da história, como pode ser conferido na composição de algumas palavras que juntei em versos, na medida em que, virtualmente, acompanhava o trajeto de volta do corpo de Pedro para São Félix do Araguaia, através das redes sociais, pelas mensagens dos amigos que puderam acompanhá-lo.

A foto do painel de homenagem (Figura 1) foi construída a partir da ideia da Lucinha Alvarez, que inspirada na sabedoria da expressão simbólica do anel de tucum, como aliança às causas de D. Pedro, no alcance do momento e com a agilidade possibilitada pela inter-relação nas redes, reuniu fotografias de mãos amigas e junto à Bárbara Ramalho compuseram essa arte que foi destinada a se juntar à mística organizada para a espera do corpo em São Félix.

Ao fazermos a “leitura” proposta, queremos ir além do que se diz e daquilo que não se diz, do que fica na superfície das evidências. Assim, retomando as reflexões de (ORLANDI, 2007, p. 32), afirmamos que



os sentidos não se encontram somente nas palavras, que “significam pela história e pela língua”, ou em sua relação textual interna, mas sim, extrapolam, vazam para fora da linha do dizível e passam a estabelecer relações com o já-dito, do que se encontra na memória, no interdiscurso e se realiza, também, nas imagens.

Reconhecer alguma coisa em uma imagem é identificar pelo menos em parte o que nela é visto com alguma coisa que se vê ou se pode ver no real. O trabalho do reconhecimento aciona não só as propriedades “elementares” do sistema visual, mas também capacidade de codificação já bastante abstrata. Reconhecer não é constatar uma similitude ponto a ponto, é achar invariantes da visão, já estruturados, para alguns, como espécie de grandes formas. O reconhecimento proporcionado pela imagem artística faz parte do conhecimento, mas encontra também a expectativa do espectador, podendo transformá-las ou suscitar outras: o reconhecimento está ligado à rememoração (AUMONT, 1993, p. 82).

Em nosso entendimento, o reconhecimento e a rememoração relacionam-se a traços em uma imagem que nos leva a remetê-la a algo já visto, vivido. Entendemos, ainda, que quando ocorrem o reconhecimento e a rememoração de imagens pelo espectador, os imaginários discursivos são acionados, haja vista a discursividade que perpassa a materialidade icônica. A Igreja de São Félix é constituída de vivências imagéticas inscritas nas místicas representativas do trabalho na terra, na arte dos povos indígenas, no alimento em comunhão. Essa representatividade toma o sujeito na sua significação. Vale lembrar que quando D. Pedro foi sagrado Bispo, às margens do Araguaia, em São Félix do Araguaia, no cartão-lembrança de sua ordenação, Pedro declarava o bispo que seria:

“Tua mitra será um chapéu de palha sertanejo; o sol e o luar; a chuva e o sereno, o olhar dos pobres com quem caminhas, e o olhar glorioso de Cristo, o Senhor.

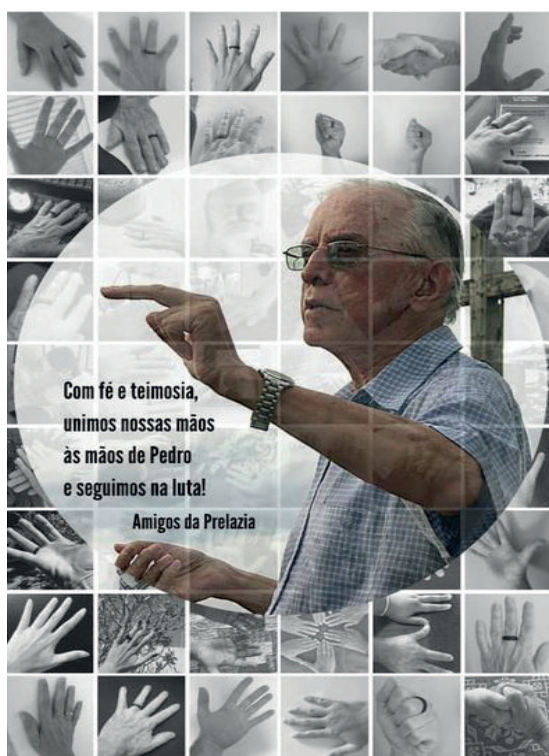
Teu báculo será a verdade do Evangelho e a confiança do teu povo em ti.

O teu anel será a fidelidade à Nova Aliança do Deus Libertador e a fidelidade ao povo desta terra.

Não terás outro escudo que força da Esperança e a Liberdade dos filhos de Deus; nem usarás outras luvas que o serviço do Amor.”<sup>4</sup>

Posso dizer que desde o início da década de 80, quando me desloquei de Minas Gerais e vim para o Araguaia, a minha vida passou a significar pela presença de Dom Pedro Casaldáliga, como já mostrei teoricamente e por essa mística da simbologia. Eu me considero uma das gentes em quem ele vive e envolta na sua poesia, ancorada no afeto que emerge das imagens, enredo a forma poética para fazer o texto caminhar:

**FIGURA 1:** PAINEL DE HOMENAGEM



Fonte: Banner impresso para homenagem à D. Pedro Casaldáliga, no seu funeral, idealizado e confeccionado por Bárbara Rama e Lucinha Alvarez, agosto de 2020.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://casaldaliga-causas.org/pt-br/blog/2019/10/20/bispo-casaldaliga/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

## A Mão e o Anel

Não, não é um anel qualquer  
É aliança, compromisso, opção  
É anel feito à mão  
Que pelo gesto do uso  
Junta, une, enlaça, fortalece  
Cria uma corrente de fé  
Esperança e união  
É de tucum, o anel  
Coco duro do sertão  
E não carece de leitura  
pra saber o seu papel  
Por ele se fazem os laços  
E em nome de Pedro irmão  
Busca paz e unidade  
Alivia todo o ser  
Orienta nossos passos  
Finca os nossos pés no chão  
E vence a crueldade  
Com a sua significação  
Em cada mão de bondade  
É enfeite e mutirão  
Nele seguimos ligados  
Na luta e fraternidade  
Pedro vive  
Na utopia, no anel de tucum e no coração<sup>5</sup>

E, continuando a caminhada, no trajeto de retorno à sua casa, em cada ponto de passagem, havia um porto de espera e homenagem, reunindo as mais diversas materialidades significantes, tais como objetos, símbolos, imagens, como pode ser conferido na montagem de fotos que segue:

<sup>5</sup> BORGES, Á. A. DA C. A ESCRITA COMO GESTO DE HOMENAGEM: EFEITOS DE SENTIDO EM MIM. 08 de agosto de 2020.

**FIGURA 2:** MÍSTICA NO SANTUÁRIO DOS MÁRTIRES EM RIBEIRÃO BONITO, PARA A PASSAGEM DO CORPO DE D. PEDRO RUMO A SÃO FÉLIX DO ARAGUAIA



Fonte: Fotos recebidas pelo *Facebook* e autorizadas para publicação. Disponível em: [https://www.facebook.com/profile.php?id=100009335892018&sk=photos\\_by](https://www.facebook.com/profile.php?id=100009335892018&sk=photos_by). Acesso em: 10 ago. 2020.

## A passagem

A espera do corpo  
A acolhida do corpo  
A vida em mutirão, frutos da terra  
As mãos no bordado  
A emenda de cada retalho  
com fios de história  
A cerca no chão  
A enxada na mão  
O trabalho  
O suor, o luto  
As cores, o povo, o painel  
O artista que imprime a vida sofrida  
Aponta o caminho  
a gente oprimida  
O desenho, a composição  
feita em harmonia  
Agora, na fotografia  
alimenta a alma  
e vira poesia  
Não tem choro, nem lamento  
Só ecoa a canção  
Ribeirão Bonito  
Cruz do padre João  
Povo da prelazia  
Gente do sertão  
Da posse, da aldeia  
Lavrador, indígena, peão  
Parteiras, mães, Margaridas  
mulheres guerreiras  
Santuário dos mártires  
Com Pedro em comunhão.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> BORGES, Águeda Aparecida da Cruz. A passagem. 09 de agosto de 2020.

**FIGURA 3: O ENTERRO DE D. PEDRO**



Fonte: Fotos de Francisco Machado recebidas pelo *Facebook* e autorizadas para publicação em 10 de agosto de 2020. Disponível em: [https://www.facebook.com/chico.machado.79/photos\\_by](https://www.facebook.com/chico.machado.79/photos_by). Acesso em: 10 ago. 2020.

### **Simplemente Pedro**

Pelo convívio  
Simplemente Pedro  
Pelas bênçãos, pelo batismo de meus filhos,  
Pedro profecia  
Pela luta, compromisso, pelas suas causas  
Pedro valentia, rebeldia  
Na sensibilidade que toca o coração  
Pedro poesia  
Pedro é palavra  
Esperança

Utopia  
É palavra: nome inscrito numa cruz, numa placa, numa pedra da  
praça  
Pedro vive  
Na memória, na história  
Eternamente  
Pedro é semente!<sup>7</sup>

Assim vou encontrando jeitos de enfrentar os sentidos, as descobertas, entendendo que a escrita só existe pelo laço que ela tem com a vida, a minha vida que se confunde com os lugares por onde andei, com os desejos saciados ou não.

O processo de identificação/subjetivação funciona como um jogo de permanência e mudança, de memória e esquecimento, de palavras silenciadas e entreditas. É resultado de uma construção conflituosa, cujos elementos e combinações constituem um rico campo de interpretação a ser explorado (BORGES, 2018). Com isso, quero dizer que, conhecer o Outro, pode ser a chave, ao menos, para o conhecimento de si.

Que Pedro siga no meu caminhar!

WRITING AS A GESTURE OF HOMAGE: EFFECTS OF MEANING IN ME

ABSTRACT

This text aims to print a gesture of affection, thanks and homage that the inscription of D. Pedro Casaldáliga means in me, so is also a text about me and, therefore, although I look for some authors to contribute to the reflections, I write in the first person. Discursive memory has a close bond with subjectivation and, in a way, helps to explain why I write about this relationship that constitutes me and makes me who I am. I make use of the freedom of textual types and genres allowed by writing and the knowledge produced, in particular, by researchers of the French Discourse Analysis (PECHÊUX, 1997,1999) extended in Brazil (ORLANDI, 1996, 2007), for my understanding of the event of the Other in me.

KEYWORDS: D. Pedro Casaldáliga. Discourse Analysis. Event. Homage.

---

<sup>7</sup> BORGES, Águeda Aparecida da Cruz Borges. Simplesmente Pedro. 10 de agosto de 2020.

RESUMEN

Este texto pretende imprimir un gesto de cariño, agradecimiento y homenaje que significa en mí la inscripción de D. Pedro Casaldáliga, pues es, también, un texto sobre mí y, por tanto, aunque busco algunos autores para contribuir a la reflexiones, escribo en primera persona. La memoria discursiva tiene un estrecho vínculo con la subjetivación y, en cierto modo, ayuda a explicar por qué escribo sobre esta relación que me constituye y me hace ser quien soy. Hago uso de la libertad de tipos y géneros textuales que permite la escritura y el conocimiento producido, especialmente por investigadores del Análisis del Discurso Francés (PECHÊUX, 1997, 1999) extendido en Brasil (ORLANDI, 1996, 2007), para mi comprensión del acontecimiento del Otro en mí.

PALABRAS CLAVE: D. Pedro Casaldáliga. Análisis del discurso. Evento. Homenaje.

---

REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques. *A imagem*. Campinas: Papyrus, 1993.

BORGES, Águeda Aparecida da Cruz. *Da aldeia para a cidade: processos de identificação/subjetivação e resistência indígena*. Cuiabá: EdUFMT, 2018.

BORGES, Águeda Aparecida da Cruz. *Meu corpo*. In: BORGES, Águeda Aparecida da Cruz. *Da aldeia para a cidade: processos de identificação/subjetivação do índio<sup>8</sup> Xavante na cidade de Barra do Garças/MT, alteridade irreductível?* 2013. Orientadora: Mónica Zoppi-Fontana. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O caráter singular da língua na Análise do Discurso. *Organon*, v. 17, n. 35, p. 189-200, 2003.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O quadro atual da análise de discurso no Brasil. *Letras*, n. 27, p. 39-43, 2003. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/>

---

<sup>8</sup> O termo “índio” vem sendo substituído por: povos indígenas, povos originários ou pelo nome da etnia. Na época da defesa da tese, a discussão em torno desse termo generalizante, ainda era incipiente.



revistas/ojs-2.2.2/index.php/letras/article/viewFile/11896/7318. Acesso em: 18 out. 2021.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: a história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1999.

HASHIGUTI, Simone Tiemi. *Corpo de memória*. 2008. 117 f. Orientadora: Carmen Zink Bolonhinni. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Interpretação: autoria e efeitos do trabalho simbólico*. Rio de Janeiro: Cortez, 1996.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi et al. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da memória*. Tradução José Horta Nunes. 1.ed. Campinas: Pontes, 1999.

---

Submetido em 31 de janeiro de 2022

Aceito em 14 de abril de 2022

Publicado em 29 de maio de 2022

---